

Quartos forrados de luar

Exercícios criativos inspirados por
Sophia de Mello Breyner Andresen



Título: Quartos forrados de luar

Autor: Turma de Escrita Activa

Publicação: 2019

Editora: USFE Editora



Esta compilação de trabalhos resulta de um exercício de escrita activa na Universidade Sénior Florbela Espanca. Trata-se da nossa humilde homenagem a Sophia de Mello Breyner Andresen e à sua poesia, cuja leitura, declamação, interpretação e debate enriqueceu as nossas vidas e inspirou as palavras, ideias e sentimentos que aqui partilhamos consigo.

Nos encontros matutinos
de uma história de amor
revivemos a essência renovada
de uma *Manhã Perfumada*

uma nova fragrância criada por José Lobo



© Perfumes, Essências e Fragrâncias

MANHÃ FUTURA

*Era preciso agradecer às flores
Terem guardado em si,
Límpida e pura,
Aquele promessa antiga*

Os dias estavam a amanhecer quentes. Os pássaros chilreavam alegremente, saltitando num frenético bailado de amor. As flores desabrochavam como se já fosse primavera. Naquela janela, virada a nascente, promessas de eterno amor, eram trocadas, entre beijos e abraços por aqueles dois apaixonados amantes, que todas as manhãs ao alvorecer, contemplavam abraçados as cores do nascer do sol, intensas como o seu amor.

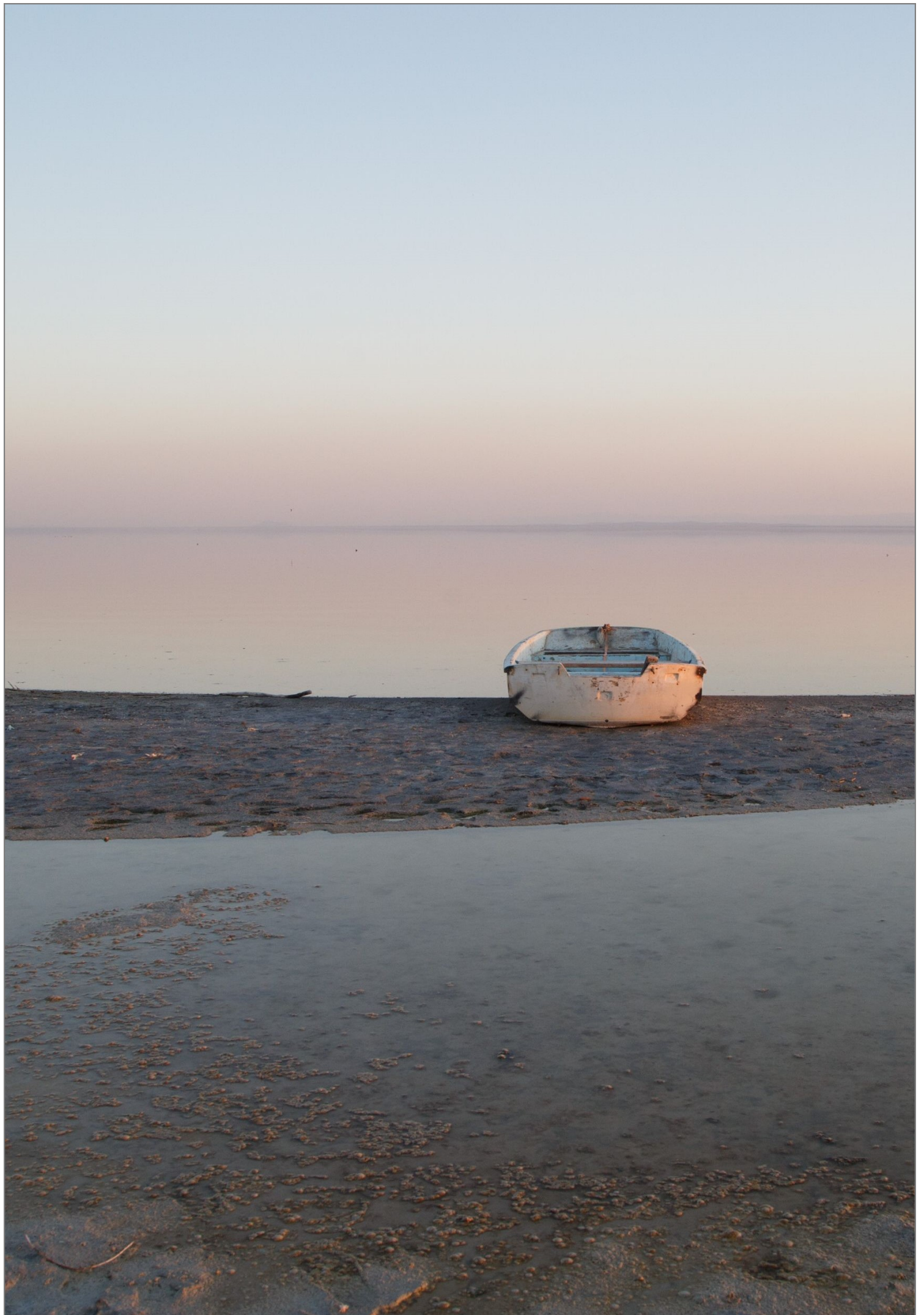
Juras de amanheceres doces, antigos amores, num eterno futuro! Como era bom ver aquela janela abrir-se e olhar aqueles seres que se entreolhavam como se à sua volta nada existisse.

Certa manhã a janela abriu mas ninguém apareceu para contemplar aquele belo espectáculo. As promessas tinham sido só promessas.

Restava agradecer às flores, aos pássaros e ao sol, porque também foram testemunhas e guardaram para si, o que foi uma história de amor.

M. Margarida Marques





Ausência

Num deserto sem água

Numa noite sem lua

Num País sem nome

Ou numa terra nua

Por maior que seja o desespero

Nenhuma ausência é mais funda do que a tua.

Arrumei o roupeiro,
pendurei as tuas roupas
e a minha memória
trouxe-me, de mansinho,
o teu cheiro, a tua presença e o teu porte distinto

As frases das amigas que me diziam:
- O Francisco, bem vestido, parece um ministro!
Como se estes fossem sempre
nimbados de distinção!

Pura ilusão...
A elegância da postura
não é do cargo, nem vem do desempenho,
não há escultor, que a possa tirar do lenho,
da mais fina madeira, nacional ou estrangeira.

Revi-te esta manhã como se estivesses ali...
E o filho mais velho que veste por ti,
vestia e experimentava:
- Este sobretudo azul, fica-me bem, mãe?
E eu:
- Muito bem!

E como pura dádiva
dei o meu assentimento:
- Leva-o já! E vai a um casamento...



TERROR DE TE AMAR

Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo

*Mal de te amar neste lugar de imperfeição
Onde tudo nos quebra e emudece
Onde tudo nos mente e nos separa*

*Que nenhuma estrela queime o teu perfil
Que nenhum deus se lembre do teu nome
Que nem o vento passe onde tu passas*

*Para ti eu criarei um dia puro
Livre como o vento e repetido
Como o florir das ondas ordenadas*

Sem a luz que entrava pelas janelas que ele não abria nunca, perdeu-se do tempo, rodeado dos pedaços dos relógios que esmagou com raiva e dor. Esquecido dos interruptores que povoavam as paredes, vivia no crepúsculo da televisão. O aparelho nunca se desligava, nem mesmo nos interlúdios de sono em que o seu corpo, insensível à sua razão, o obrigava a momentos de inexistência.

Acordava bruscamente, de olhos esbugalhados e com uma necessidade vital de respirar, ignorando se a ausência tinha durado segundos ou dias. Os despertares eram sempre acompanhados de um efémero vislumbre da sua própria existência que rapidamente se desvanecia no cenário que ecoava apenas sombras de memórias.

Quando o frigorífico ficou vazio ele acabou por o desligar da tomada. O barulho constante do motor e a luz intensa sempre que abria a porta incomodavam-no terrivelmente. A sua única fonte de alimento era o que ia encontrando na despensa. Comia muito pouco, mais por instinto de sobrevivência que por vontade. A ausência de sabor da água era mais tolerável. Estava constantemente a encher uma garrafa de litro e meio que mantinha ao seu lado no sofá, em frente à televisão. Era frequente a água que bebia ter uma textura pastosa e salgada devido às lágrimas e ao ranho que se misturavam dentro da sua boca.

Chorava sem aviso e sem esforço, bastando-lhe abrir as pálpebras para entregar as lágrimas à gravidade. Nessas alturas, inclinava-se para a televisão, cravando os cotovelos nas pernas e apoiando a cabeça nas mãos.

O filme repetia-se continuamente. Ele não aparecia, estava atrás da câmara, a filmar...

O corpo dela aninhado no sofá e o espírito embrenhado no pequeno livro de capa minimalista e de cor clara onde apenas se vislumbra o título – Nunca nada de ninguém.

O ruído da lente, que faz um esforço para a focar, faz com que ela se liberte da história. Sorri atrás dos óculos de massa negra, demasiado grandes, mas não o suficiente para ocultar a beleza crua do seu rosto nu de maquilhagem.

À medida que a câmara se aproxima, o incómodo da lente obriga-a a rodar a cabeça na direcção oposta. Oculta por uma cascata densa de cabelos louros e encaracolados que passa a preencher o ecrã, diz pausadamente: “Desliga isso. Temos um acordo”.

A câmara pára de filmar e dá lugar ao *blackout*...

E durante os 2 segundos em que o ecrã ficava vazio, ele percebia o tempo a avançar e a passar por ele que, imóvel, esperava apenas que a consciência desse momento desaparecesse...

Beijo-te Terra! Pego numa pequena parte de ti,
cheiro-te e sinto um delicioso aroma que me penetra
na alma. Enterro minhas mãos no teu ventre como se
fosse fazer um parto.

Revolvo teu ventre esventrado e sinto uma revolta
dentro de ti: ninguém te sabe amar, ninguém te sabe
beijar, ninguém te sabe acarinhar e ninguém te olha
com ternura.

Em troca dás à luz rebentos que, curiosos, olham
para a claridade. Espreguiçam-se ao sol e vão
desabrochando com as suas carícias. Dentro de ti
dissolve-se a revolta e ofereces-nos o que há de mais
belo na Mãe Natureza.

E, enrolada nestes pensamentos que se esfumam,
minha alma se liberta.

Luísa Sereno

Terra! Esta composição milagrosa que dá forma ao
nosso planeta... Terra!

Esta substância que dá origem ao nosso Bio Sistema,
sendo ela a Mãe que dá vida a todas as sementes,
desde as mais pequenas que brotam da terra para
nosso alimento, às maiores que nos dão seus frutos,
fonte da vida, e ainda todas as outras ligadas à Terra
que, com o bailar das suas folhas produzem e dão
aroma ao ar que respiramos!

Beije a Terra! Mas não chegam só os meus beijos!

Apesar dos nossos cinco sentidos, creio que, um mais
deveríamos ter, para cada dia sentir o profundo
desejo de amar e louvar profundamente, esta
maravilha e tão bela Mãe Natureza!

Odete Viegas

Beije a Terra

*Beije a terra com os meus olhos,
a minha boca e os meus dedos
Enrolei-a a mim em círculos inumeráveis
E em contemplações intermináveis
Dissolvi-me nos seus segredos*



CORPO A CORPO

*Lutaram corpo a corpo com o frio
Das casas onde ninguém passa
Sós, em quartos imensos de vazio,
Com o poente em chamas na vidraça.*



Já é Outono. As árvores começam a mostrar a sua nudez. As folhas, arrastadas pelo vento agreste de um dia tremendamente frio, caem.

Os que passam na rua, apressados nas suas vidas quotidianas, munidos de chapéus e cachecóis, casacos, sobretudo, botas, carregam um peso enorme nos corpos e, nas suas vidas apressadas, não reparam nas folhas que vão caindo e não se escandalizam com a nudez das árvores.

É mais um dia de trabalho para a grande maioria. Mais um dia de rotina onde os afetos passam ao largo e as obrigações para cumprir são a preocupação.

Todavia nesse momento, um homem e uma mulher, juntos numa casa com vistas para o mar onde ninguém passa, estão sós num quarto vazio de decoração. Numa luta corpo a corpo, tentam preencher esse vazio minimalista, combatendo o frio com beijos, abraços e carícias, desnudados como as árvores, sem que ninguém os veja ou inveje. Juntos, à medida que o dia vai correndo, eles vão aumentando, hora a hora, o desejo.

A casa, que pertence à família dela, é antiga e tem muitas histórias para contar. A deles é apenas a última das muitas memórias da velha casa. Pelos quatro quartos e pelo enorme salão ecoa uma velha canção, "Love me tender", rejuvenescida pela Norah Jones numa recriação magistral tocada por um velho rádio em cima da lareira. Alheios ao som e às memórias da casa, eles amam-se, entregando-se ao prazer. Ele coloca-lhe uma venda nos olhos e senta-se no sofá aconchegante feito de um tecido de seda, testemunha de tantos outros corpos que nele se sentaram, deitaram, amaram...

Ela vai tateando e avançando, timidamente, com passos calculados. Apesar do silêncio dele, o seu odor, o seu perfume, servem-lhe de guia. Estende a mão e sente o corpo dele, inconfundível. Não há frio que os vença, os corpos ficam colados.

O dia já vai longo. O poente espreita na vidraça.

P.S. Qualquer semelhança com a realidade...

25 de Abril

*Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo*

Vida dura, vida triste, vida de cão!

Sempre a contar o dinheiro, sempre a fazer contas
de dividir e nunca de multiplicar ou somar.

Sempre a habitar o mundo do desconhecido, a
antever o modo de não enegrecer ainda mais a
existência. Sempre a submergir na noite!

Noite após noite, sem nunca poder sonhar com um
dia limpo de incertezas sem que a substância do
tempo me obrigue a reflectir na amargueza da vida!

Dias sujos de angústias, em que falseio as provas
das contas de dividir na ilusão vã que o vil metal
chegue. Mas não. A vida segue o seu caminho
inglório, mas até quando?

Malditas contas...

Ah! Amanheceu, claro.

Esta é finalmente a madrugada que eu esperava.
Hoje anda à roda. Será que este início de dia, em
que o céu me parece mais claro e limpo, fará com
que a má sorte me abandone?

Será que me vai sair a sorte grande?

Ou a terminação? Enfim, já não era mau!

Aguardemos, esperemos e confiemos... que emerja
da noite e do silêncio e livre habite a substância do
tempo e, finalmente deixe de fazer contas de dividir.

Madalena Marques



OS AMIGOS

Voltar ali onde

A verde rebentação da vaga

A espuma o nevoeiro o horizonte a praia

Guardam intacta a impetuosa

Juventude antiga -

Mas como sem os amigos

Sem a partilha o abraço a comunhão

Respirar o cheiro a alga da maresia

E colher a estrela do mar em minha mão

É feliz quem consegue ter amigos, construindo com eles fortes laços afectivos.

Amigos, não são simples conhecidos. Amigos verdadeiros são “escudos” que nos dão força para superar os momentos menos bons. Amigos verdadeiros também vibram com os nossos sucessos sem reservas.

Os amigos avivam as nossas recordações...

Saudades de tempos da juventude passados à beira mar, saudades também das conversas, da comunhão de ideias, dos segredos, dos abraços e das brincadeiras na praia. Os amigos deixam-nos memórias de longa duração.

Alguns vão partindo e outros vão chegando mas todos nos acompanham e são os alicerces que nos permitem aguentar as nossas fragilidades.

Maria Fernanda Barbosa



Nota:

Embora atribuído a Sophia de Mello Breyner Andresen, "O mar dos meus olhos" é na realidade um poema de Adelina Barradas de Oliveira, juíza desembargadora no Tribunal da Relação de Lisboa, escrito, em tom de homenagem, a 2 de Julho de 2009, dia em que se cumpriam 5 anos da morte de Sophia.

O mar dos teus olhos

O mar dos meus olhos

Há mulheres que trazem o mar nos olhos

Não pela cor

Mas pela vastidão da alma

E trazem a poesia nos dedos e nos sorrisos

Ficam para além do tempo

Como se a maré nunca as levasse

Da praia onde foram felizes

Há mulheres que trazem o mar nos olhos

pela grandeza da imensidão da alma

pelo infinito modo como abarcam

as coisas e os homens...

Há mulheres que são maré em noites de tardes...

e calma

Há mulheres que trazem o mar nos olhos...

Sempre que sentia aquele aperto no peito, sempre que sentia o chão desabar sobre os seus pés e aquela nostalgia a invadi-la, ela fugia para o mar.

Quantos anos já se passaram... ele tinha-lhe dito que talvez não fosse um adeus... tinha até prometido que ia fazer tudo para depressa organizar a sua vida e que depressa voltaria para a vir buscar. Ela sempre pressentiu que isso nunca iria acontecer, e foi frente ao mar quando o sol já ia sendo engolido que o viu afastar-se... A distância ajuda a apagar os sentimentos, as emoções, e as promessas passam a meras palavras que o vento vai levando...

No entanto, este não era o seu caso. No seu coração tudo aquilo que sentira por ele desde o primeiro instante que o viu mantinha-se intacto. O amor que lhe tinha era imenso como o mar que tantas vezes tinha servido de testemunha àquele amor!

Nunca mais se entregara a mais ninguém. Foi ficando tal qual árvore seca cujo tronco por falta de água foi mirrando até já nem folhas brotarem dos seus ramos.

Algures no tempo tinha ouvido dizer que ele tinha casado com alguém muito rico e que era uma pessoa socialmente muito importante. Tinha sido por ambição que ele tinha rumado para o sul deixando-a a soluçar naquela praia com vontade de entrar mar dentro e desaparecer no meio daquelas águas tão lindas mas também por vezes tão tenebrosas.

Sempre que volta àquela praia onde tantas vezes ao fim do dia caminhavam, ela pensa naquelas palavras que um dia ele lhe havia dito: "Os teus olhos são tal qual o mar" ao que ela respondeu "Há mulheres que trazem o mar nos olhos".



Pudesse eu

*Pudesse eu não ter laços nem limites
Ó vida de mil faces transbordantes
Para poder responder aos teus convites
Suspensos na surpresa dos instantes!*

Pudesse eu não ter laços nem limites quando, à noite, no meu quarto, penso como seria bom ter coragem para abrir aquelas portas e sair, para viver uma vida de mil faces, transbordantes.

Sair pelo mundo, conhecer muita gente, viver um tempo em cada lugar.

De repente! Alto aí!

E lá vinha a voz:

- “Tens 16 anos. Para onde vais? Nunca saíste para longe a pé, sempre foste de carro com a família. Essas terras por onde viajaste, ficam longe. As pessoas com quem conviveste, cordiais e simpáticas, até te acolheriam, mas como chegarias lá sem dinheiro? O que a tua mãe te dá para pagares o bilhete do autocarro para a escola, não dá para tanto”. E logo a outra voz, saída dos romances que eu encontrava nas estantes da biblioteca da casa e lia avidamente dizia:

- Não tenhas receio. Há muitos pinhais onde podes caminhar durante o dia sem ninguém te ver, iguais aos que tu atravessas quando vens da escola, sem medo.

Retorquia eu:

- Mas quando saio do pinhal, logo vejo o sol. Caminho pelas vielas e finalmente pela rua larga, até à casa onde estão todos os que eu amo e me amam. Não consigo viver sem eles...

E assim continuo, durante a leitura dos romances, a viver em todos os lugares e situações, até que regresso ao meu mundo a dizer:

- Vivi mais uma aventura, respondendo aos teus convites, sem ter que abandonar nada. Sou feliz, por viver e sonhar.



Esta é a colectânea de trabalhos inspirados na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, que derivaram de várias aulas de escrita activa na Universidade Sénior Florbela Espanca sobre a obra da autora.

Poemas despojados da informação de autoria foram lidos, interpretados, transformados e vilipendiados na sua essência e conteúdo.

O resultado foi uma mixórdia de ideias soltas e desconexas que serviram de base aos trabalhos que aqui se reuniram.

E, tal como a lua reflecte a luz do sol, os textos e anúncio que forram estas páginas reflectem as várias formas como a poesia de Sophia nos toca, nos diverte e nos inspira.



Faça download
e partilhe. É grátis.

